



## "VON KRIEGE" -150 ANOS DEPOIS

Sérgio Paulo Muniz Costa

*"Um único e mesmo objetivo político pode provocar em diferentes nações, e numa mesma nação, reações diferentes em épocas diferentes."*

Clausewitz

**A** decisiva obra de Clausewitz sobre a guerra, fruto de suas observações no período das guerras napoleônicas, é um divisor de águas no vastíssimo campo das pesquisas sobre a guerra. No momento em que se comemora o sesquicentenário da publicação da obra, gostaríamos de sublinhar a validade daqueles ensinamentos até os nossos dias. Antes dele, vários estudiosos publicaram obras em que procuraram descrever os métodos de guerra e alguns, até buscaram sua racionalização. O surgimento de escritores como Boucert, o criador da teoria do novo sistema divisionário e Guibert, teórico da modalidade e da dispersão de forças, no século XVIII influenciaram o pensamento militar na era napoleônica. Aqui começa a obra de Clausewitz, que vive, entende, descreve e interpreta as ra-

ciais transformações na Arte Militar, estabelecendo ao mesmo tempo um elo entre o antigo e o moderno de uma nova era. Na medida em que a guerra, como atividade humana que é, se modifica em suas linhas gerais conforme a evolução histórica, constata-se que "Da Guerra" marcou seu tempo, sua era e facilmente a ultrapassa.

Considerada pelo próprio autor como uma obra inacabada, "Da Guerra" trata de altos estudos militares com a mesma familiaridade com que fala dos temores do jovem recruta no campo de batalha. Introduce o método científico na análise da problemática militar. Acusada de eminentemente belicista e excessivamente direta, foi até considerada por autores renomados como mentora intelectual das carnificinas das batalhas de "desgaste" na 1ª Guerra Mundial.



No período entre guerras, Ludendorff atacou-a violentamente, para levá-la em seguida aos extremos, na sua teoria de guerra total. Sua importância pode ser medida nos nossos dias pelo surgimento da denominação Neo-clausiuitianos dada a determinados autores e intelectuais na Europa e nos Estados Unidos.

Aos profissionais da guerra interessa, sem dúvida, conhecê-la por várias razões. A primeira delas seria o trabalho de base que representa, de grande utilidade portanto, para a adequação do pensamento militar às realidades do momento. A segunda seria a clareza com que expõe e soluciona problemas de liderança em combate, servindo seus conceitos de escopo para uma verdadeira ética militar. Outra razão, histórica, seria a oportunidade de acompanhar o raciocínio de um comandante no século XVIII ou, pelo menos, como deveria ser segundo Clausewitz. A esta ainda se acrescenta o valor inestimável da visão contemporânea de um competente analista militar de fatos polêmicos, como a retirada de Napoleão da Rússia em 1812.

## A SUA COLOCAÇÃO NA HISTÓRIA

Carl Von Clausewitz (1780—1831) serviu na Campanha do Reno de 1793 a 1794, ingressou na Academia de Berlim em 1801, foi capturado na Batalha de Jena, serviu sob o comando russo, desempenhando papel importante nas campanhas de 1812—1813, foi

chefe de Estado Maior de Thielmeina e diretor da Academia Militar em Berlim de 1818 a 1830. Na sua formação militar, estudou Kant (1724—1804). Nesta época a Europa sentia o torvelinho da Revolução Francesa, no campo político, econômico, social e militar. As sucessivas campanhas que a França promoveu em função de seu processo revolucionário, iriam catapultar um dos maiores gênios militares da História, Napoleão Bonaparte, aos píncaros da glória. Clausewitz participa de tudo isso como um ator, testemunho vivo da dramaticidade das batalhas, crítico ponderado e analista.

Mas, sobre o autor e conseqüentemente sobre sua obra, agiriam outros fatores. O primeiro deles seria a epopéia do I Reich, protagonizada por Frederico II, o responsável pela elevação da Prússia à categoria de grande potência, vinte anos antes de Clausewitz. No seu livro existem muitas referências, a título de exemplo ou parâmetro, a Frederico. O patriotismo de Clausewitz haveria de se identificar com a obra daquele, sofrendo conseqüentemente influências do Hohenzorlen. O segundo fator, também nacional, a agir sobre Clausewitz seria a liderança alemã no campo das artes, devida principalmente a Kant e Goethe. Este refinamento filosófico atingido na Alemanha, influenciaria sem dúvida espíritos como o de Clausewitz e podemos incluir "Da Guerra" como parte de grande momento cultural germânico. Toynbee observa que esta eminência cultural alemã na idade moderna está na



razão inversamente proporcional ao seu poder político e econômico, pois estavam longe ainda os dias de grandeza da Unificação Alemã. O terceiro fator seria a revolução econômica e tecnológica vivida no Ocidente a partir de meados do Séc. XVIII. Ela dotaria a humanidade de um poder desconhecido até então. A disciplina seria intensificada como princípio geral e proporcionaria um aumento da eficiência de trabalhadores e soldados. Métodos militares de comando são postos em ação até nas fábricas. A guerra vai deixando de ser um assunto de mercenários, de pequenos exércitos sustentados pelos reinos para se tornar mais dependentes da total mobilização das nações.

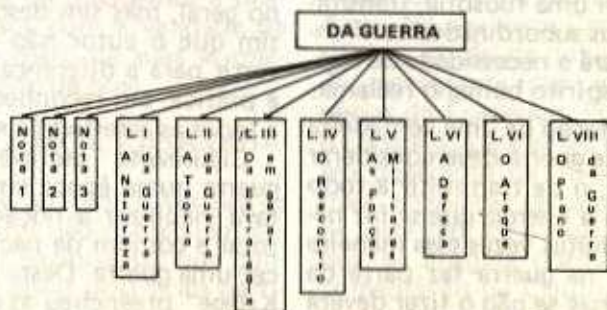
## A ESTRUTURA DA OBRA

Von Kriege — esse era o título original da obra clausewitiana — é uma obra extensa e original. Compõe-se de oito livros, divididos em vários capítulos. Deve-se incluir nesta estrutura as notas do autor, encontradas nos seus papéis após a sua morte, que elucidam suas motivações para escrever sobre a guerra e os objetivos que colimava.

## SUA IMPORTÂNCIA NA TÁTICA E NA INSTRUÇÃO

Reconhecida como uma filosofia de guerra, "Von Kriege" é comentada e interpretada principalmente nos círculos da estratégia, pois nesse campo a validade de seus ensinamentos é maior, nos dias de hoje. Mas todos os livros que compõem a obra tratam dos diversos assuntos no campo da estratégia e da tática. Não podemos esquecer a parte tática da obra.

A importância desta é histórica e conceitual. Histórica porque é uma das poucas obras que nos transmite o pensamento tático do século XVIII, permitindo uma melhor compreensão de fatos militares da época. Conceitual porque muitos dos princípios táticos de então, se adaptadas às evoluções do armamento moderno, são válidos até hoje. Sem dúvida, um jovem oficial conhecedor dos manuais e regulamentos em vigor, ao ler "Da Guerra" tomará contato com as razões filosóficas daquilo ser assim. Ficará impressionado como o porquê de tudo que aprendeu é simples e claro. Reconhecerá que o metodismo que lhe foi transmitido nas salas de aula e cobrado





nos exercícios em campanha tem sua razão de ser. Ficarà satisfeito ao constatar que a sua iniciativa e vontade têm um lugar proeminente, pois a teoria da guerra rejeita como absurdos os dogmas da tática. Identificarà as causas da fricção e se lembrará das dificuldades que teve que vencer com sua fração para cumprir tal ou qual missão em um exercício em campanha. Admitirá que em determinadas situações não foi suficientemente decidido, deixando que a dúvida lhe roubasse tempo numa tomada de decisão. Tudo isso irá aguçar sua imaginação sobre os perigos e dificuldades que poderá enfrentar em combate e esta força imaginativa pode vir a transformar-se em criatividade e energia. A criatividade irá fazer com que aperfeiçoe métodos de instrução voltados para a prática, buscando realismo nos exercícios e motivando a tropa. A energia endurecerà a sua vontade, sua certeza na missão que deve cumprir. Farà com que seja duro consigo mesmo e lhe dará firmeza de exigir o esforço da tropa. A certeza daquele oficial exteriorizada nas constantes falas à sua tropa, agora reforçada no seu interior por uma filosofia, transmitirá aos seus subordinados confiança e satisfará a necessidade de lógica que o espírito humano reclama.

A elaboração de uma verdadeira doutrina de guerra deve considerar esse efeito, o de transmitir a todo o Exército a energia que se faz necessária. Muitas vezes essa maneira de pensar na guerra faz parte da tradição, mas se não o fizer deverá ser adquirida.

## A VALIDADE DA OBRA EM NOSSOS DIAS

Qualquer estudo de "Von Kriege" não deverá em hipótese alguma desembocar em interpretações dogmáticas baseadas em frases pinçadas de grande efeito retórico. Isto porque esta tendência além de contrariar a própria teoria do autor (particularmente no campo da estratégia) foi uma grande causadora de catástrofes militares. Nos nossos dias o êxito do seu principal estudioso, Raymond Aron, deve-se justamente à aplicação da teoria clausewitiana conforme ela mesma, ou seja, uma doutrina de observação. Desenvolvida desta forma a obra de Aron, "Paz e Guerra entre as Nações" é bastante eficaz na análise das relações internacionais no mundo de hoje.

Da mesma forma é muito difícil resumir Clausewitz porque o pitoresco estilo de sua obra por vezes errático e indefinido, é na realidade parte de sua própria teoria de guerra, da sua própria filosofia de guerra.

"Von Kriege" deve ser lido, analisado e compreendido, porque ele nunca pretendeu ser conclusivo no geral, mas sim descritivo. É assim que o autor não cessa de advertir para a diferença entre teoria e prática, em reconhecer exceções a todas as assertivas e exemplos.

Clausewitz escreveu sobre a guerra numa época em que se tentava viabilizar a noção de esforço total e comum da nação para vencer uma guerra. Desta forma "Von Kriege" preencheu as necessidades de uma teoria que se coadunasse



com os fenômenos sociais que aconteceram na época e que persistem até hoje, sintetizados no enorme e súbito crescimento do poder humano sobre seres humanos e a natureza humana. Consumado o fenômeno, o problema guerra hipertrofiou-se forçando a uma especialização cada vez maior da inteligência do governo. Nestes dois séculos toda evolução científica diretamente ligada à guerra ou não, agiu sobre a obra clausewitiana reduzindo drasticamente os vetores tempo e espaço, forçando ainda mais a espacialização de políticos e militares e atraindo outros ramos do saber humano à causa da guerra.

Muitas das idéias de Clausewitz foram superadas pelo grande desenvolvimento dos meios de combate que transtornaram os limites e limitações à tática e à estratégia. Por outro lado a diversidade de teatros de operações da última guerra mundial ultrapassariam as aplicações clausewitianas na estratégia.

Apesar disso durante a leitura da obra não podemos escapar à tentação de compararmos a todo instante a realidade de nossos dias com a teoria de Clausewitz e ficamos surpresos com a validade de um bom número de suas afirmações no mundo de hoje.

## NACIONALISMO E IDEOLOGIA

Nas obras do gênero verifica-se que os autores não conseguem fugir ao efeito nacionalista que confere às suas obras uma ótica particular de acontecimentos históri-

cos. Da mesma forma que Clausewitz glorificou Frederico II, Lidell Hart exaltou Malborough em seu "Strategy". Assim cada um deles contribuiu para a cultura militar de seu país. Concluímos que a investigação científica da História Militar Nacional, além de reforçar as tradições nacionais, deve ser a base para a solução dos problemas militares de cada nação segundo sua natureza e peculiaridades.

A Alemanha orientou sua política externa consciente de seu papel de potência terrestre central e as idéias de Clausewitz sintetizam as preocupações militares germânicas. Podemos mesmo afirmar que poucas nações combateram de forma tão adequada à sua natureza e pensamento nacional como a Alemanha. O oitavo capítulo, O Plano de Guerra, é o desabrochar da ambição militar alemã. Talvez por isso a obra de Clausewitz seja tão vulnerável às críticas ideológicas devido à confusão de idéias acerca do nacionalismo alemão e o nazismo. Este último tomou emprestados ídolos e pensamentos gratos ao povo alemão. Nos estertores da catástrofe, Hitler quis ver inúmeras semelhanças entre ele próprio e Frederico II, na Guerra dos Sete Anos. No seu livro, Clausewitz justifica a noção de golpe desesperado, certamente inspirado nas peripécias de Frederico. Por tudo isso o contra golpe alemão nas Ardenas em dezembro de 1944 foi muito mais coerente, sensato do ponto de vista teórico e mais perigoso do que se imagina normalmente. Os comentários de Clausewitz no sexto capítulo do livro VI, A Defesa,



sobre a partilha da Polônia ficariam bem em um discurso do próprio Fuhrer. E curiosamente as suas previsões sobre a Polônia se concretizam nos nossos dias.

Com tudo isso queremos dizer que o pragmatismo belicista de Clausewitz foi aplicado por diversas nações com sucesso ou não independente das suas tendências ideológicas. O sofrimento adicional, apontado por Toynbee, das populações na Europa com a adoção do modo de viver da região durante as guerras da Revolução Francesa, pode se repetir no caso da guerra convencional generalizada na Europa com a adoção do mesmo princípio do Exército Soviético, treinado primordialmente para a ofensiva e possuidor de limitada estrutura logística. Para se aproveitar das vantagens desta leve estrutura logística na rapidez do movimento, os ensinamentos clausewitianos acerca da requisição, exaustão de regiões e métodos de recolhimento serão levados em conta pelos chefes soviéticos.

Nos Estados Unidos após a II Guerra Mundial, a nação abandonou progressivamente a postura moralista do desprezo pelo maquiavelismo das lideranças européias ao assumir o poder mundial. A transição foi extremamente dolorosa visto a síndrome do Vietnã. A mudança cristalizou-se no resultado das eleições americanas onde o vencedor durante a campanha eleitoral expôs em alto e bom som seus objetivos.

A grande difusão dos princípios clausewitianos no Ocidente nos últimos anos vai de encontro a uma

idéia exposta no livro VI, A Defesa:

"O atacante é amigo da paz, pois a ele interessa conquistar e manter sem luta, mas quem perdeu territórios ou similares obstina-se em lutar."

## CONCLUSÃO

O autor longe de ser um frio apologista da guerra foi um homem de grande sensibilidade, um filósofo que teve a coragem de mostrar a guerra como algo absolutamente humano, com todo cabedal de desgraças e sofrimentos que traz. Reconhecido como tendo sido aquele que sucedeu e desenvolveu a idéia política de Maquiavel, Clausewitz identificou grandezas humanas no jogo das paixões da guerra, tendo sua obra um sentido ético e não amoral como o maquiavelismo. O grande mérito de sua obra está na identificação e racionalização dos princípios da guerra, até então pouco definidos. A leitura de seu livro é de fundamental importância e merece a nossa atenção, pois sua finalidade suprema é a obtenção da paz no momento em que as armas estão com a palavra, até o dia em que o bem avança definitivamente o mal na hipotética guerra para acabar com todas as guerras.

## Bibliografia

- CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da Guerra*. Martins Fontes Editora.
- AMEAL, João. *História da Europa*. Livraria Martins. Porto, 1969.
- LIDELL HART, B. H. *As Grandes Guerras da História*. IBRASA.

TOYNBEE, Arnold. *A Humanidade e a Mãe Terra*. Zahar Editora.

ARON, Raymond. *Paz e Guerra entre as Nações*. Editora Universidade de Brasília.

NERÉ, Jacques. *História Contemporânea*.

DIFEL, S. Paulo, Rio de Janeiro, 1975.

SWAIN, Richard M. *Reativando os princípios de Guerra*. "Military Review", 2º trim. 1981.

RAPOSO, J. A. *Maquiavel*. Revista do CEBRES, nº 1.



O Capitão Sergio Paulo Muniz Costa tem os cursos de Artilharia da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) e de Oficial de Comunicações, da Escola de Comunicações do Exército. Ex-instrutor do Curso de Artilharia do CPRO do Recife, serve atualmente no 14º Grupo de Artilharia de Campanha, Pouso Alegre, MG.